

CORREIO NO MUNDO

Casa Branca



Susie Wiles foi diagnosticada com câncer de mama

Chefe de gabinete da Casa Branca tem câncer de mama

A chefe de gabinete da Casa Branca, Susie Wiles, recebeu um diagnóstico de câncer de mama. A informação foi divulgada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, pelas redes sociais e durante um evento ao lado de Wiles, no início da tarde desta segunda-feira (16). Wiles, conhecida como “dama de gelo”, já teria iniciado um tratamento e não deve sair do cargo. Em um depoimento encaminhado ao jornal The New York Times, ela afirma que detectou o câncer de forma precoce e que está “encorajada por um prognóstico positivo” e agradeceu a Trump. “Sou profundamente grata pelo apoio e incentivo do presidente Trump enquanto passo pelo tratamento e continuo desempenhando as funções de meu cargo atual”.

Trump elogia proximidade de Wiles

Trump afirma que “durante o período do tratamento, ela passará praticamente todo o tempo na Casa Branca, o que me deixa, como presidente, muito feliz”. “Sua força e compromisso em continuar fazendo tão bem o trabalho que ama enquanto passa pelo tratamento dizem tudo o que você precisa saber sobre ela”, prosseguiu o presidente. “Em breve ela estará melhor do que nunca”, afirmou Donald Trump.

Casa Branca



Chefe de Gabinete iniciará tratamento contra o câncer

Peça chave do governo Donald Trump

O cargo de Wiles faz dela a pessoa mais poderosa do governo depois do próprio presidente, e uma das mais próximas a ele. Chefe de gabinete, ela é a primeira mulher a exercer a função e foi descrita como peça chave durante a campanha de 2024, que levou Trump de volta a Casa Branca. Trump falou durante um evento sobre a saúde de Wiles e ela, que estava presente, agradeceu ao presidente. “Ela vai cuidar disso ao invés de esperar. Eu disse ‘faça imediatamente’ porque a única coisa que eu sei, é que quanto mais rápido [o tratamento], melhor.” ***Por Isabella Menon (Folhapress)**

Irã acusado de usar IA

Donald Trump, acusou o Irã de usar inteligência artificial para distorcer os supostos sucessos americanos e conseguir apoio durante a guerra. “A IA pode ser muito perigosa, temos que ter muito cuidado com ela”, disse Trump a repórteres a bordo do Força Aérea Um, logo após publicar um post na Truth Social, acusando a imprensa de “estreita coordenação” com o Irã para espalhar “notícias falsas” geradas por IA.

Crise global

Pressionados por uma crise global, países europeus viram os EUA relaxarem parcialmente o embargo ao petróleo russo que financia a guerra de Vladimir Putin para evitar uma escalada descontrolada de preços. A chefe da diplomacia da União Europeia, Kaja Kallas, disse nesta segunda que o bloco não pretende agir em Hormuz.

China

“Esta guerra não é da Europa”, afirmou a estoniana. Trump também buscou atrair a China, sua rival estratégica e compradora de quase todo o petróleo do Irã, para o jogo. Na sexta (13), atacou a ilha de Kharg, centro de produção da teocracia, mas aparentemente deixou os terminais de embarque intactos.

Xi Jinping

Depois, disse que poderia destruí-los “só por diversão”. Na entrevista ao FT, o presidente tentou pressionar os chineses dizendo que poderia adiar a visita prevista no mês que vem a Xi Jinping. Nesta segunda, confirmou o pedido a Pequim, que antes havia dito esperar a manutenção da visita. “Tenho de estar nos EUA”, disse Trump.

Irã manobra

O Irã também manobra. Primeiro, logo após o início da guerra, disse que o estreito estava fechado e passou a atacar navios e infraestrutura petrolífera dos vizinhos árabes. Recentemente, adotou um discurso de que Hormuz só não é acessível para os EUA, Israel e seus aliados. “Do nosso ponto de vista, o estreito está aberto”, disse o chanceler Abbas Araghchi.

Navio na rota

Como prova de boa vontade junto ao resto do mundo, Teerã permitiu sem incidentes o trânsito de um petroleiro paquistanês com óleo dos Emirados Árabes Unidos. Segundo o monitor Marine Traffic, o navio Karachi completou o percurso ao longo do domingo, chegando nesta segunda à costa de Omã.

Minas marítimas

A rota que ele fez, passando por entre ilhas iranianas e navegando junto a águas territoriais de Teerã, sugere que o caminho normal possa estar minado. Trump afirmou nesta segunda que os EUA destruíram 30 navios que posicionam minas marítimas.

Por Igor Gielow (Folhapress)



Trump está sozinho com Binyamin Netanyahu na guerra

Países recusam ajudar Trump no estreito de Hormuz

Aliados europeus e Austrália negam envio de navios de guerra

Por Igor Gielow (Folhapress)

O misto de apelo e ameaça feito por Donald Trump para que outros países enviem navios de guerra para escoltar petroleiros pelo estreito de Hormuz, na prática controlado hoje pelo Irã, por ora não surtiu muito efeito. Nesta segunda (16), os governos do Reino Unido, Alemanha, Itália, Grécia e Austrália rejeitaram a ideia, enquanto Japão, Coreia do Sul e Holanda disseram estar avaliando se enviarão navios, mas tendem a não fazer nada. Outros europeus, como a Espanha, já descartaram operações militares.

“Alguns [países] estão muito entusiasmados com isso, outros não. Alguns são países que ajudamos há muitos e muitos anos. Nós os protegemos de fontes externas terríveis, e eles não se mostraram tão entusiasmados. E o nível de entusiasmo importa para mim”, disse Trump.

Como é usual, o presidente não listou os interessados. Ele se queixou dos britânicos, com quem vem se estranhando há tempos: “Estou bastante surpreso com o Reino Unido. Não estou feliz”. Antes, em Londres, o premiê Keir Starmer disse que seu país “não se deixará arrastar para uma guerra mais ampla no Oriente Médio”.

Trump ainda disse acreditar que a França irá ajudar de alguma forma, citando uma conversa com o presidente Emmanuel Macron, embora Paris tenha até aqui criticado a guerra e dito que não enviaria navios a Hormuz.

No sábado (14), o republicano havia feito um pedido na sua rede social Truth, dizendo que seria do interesse de países como “China, França, Japão, Coreia do Sul e outros” manter o estreito por onde passam cerca de um quinto da produção mundial de petróleo e gás natural liquefeito aberto.

Com a guerra iniciada há pouco mais de duas semanas pelos Estados Unidos e por Israel contra o Irã, o maior sucesso até agora da teocracia, além de se manter no controle do país, foi o de criar caos no comércio de petróleo global, obrigando o acesso a reservas de emergência de diversos países.

A estratégia é contar com que o mundo pressione pelo fim da guerra em nome da estabilidade econômica, mantendo o regime islâmico em pé. Com a extensa campanha aérea contra o Irã em curso, contudo, o sucesso é incerto.

Sem obter resposta ao longo do fim de semana, Trump passou ao campo da ameaça em uma entrevista ao jornal britânico Financial Times no domingo (15). Nela, disse que a falta de apoio europeu “será muito ruim para o futuro da Otan”.

Em resposta à pressão, o premiê alemão, Friedrich Merz, disse por meio de seu porta-voz que “a guerra no Irã não é assunto da Otan”.

Nesta nova guerra contra o Irã, Trump está sozinho com Netanyahu. Diversos países europeus criticaram a ação militar, dizendo que a diplomacia era o melhor caminho para lidar com Teerã.